

O TRABALHO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS FRENTE ÀS QUESTÕES RACIAIS: O QUE DIZEM OS PAIS E A LIDERANÇA QUILOMBOLA

Valquiria Normanha Paes

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
valquirianpaes@hotmail.com

Dinalva de Jesus Santana Macêdo

Universidade do Estado da Bahia-UNEB
dinalvamacedo@hotmail.com

Resumo: Este relato apresenta um breve estudo que tem como lócus investigativo duas escolas municipais situadas em Mutãs, distrito de Guanambi/BA, que atendem alunos da comunidade quilombola de Queimadas. Desde a sua formação, a comunidade é marcada pela luta contra a exploração da mão-de-obra, contra o preconceito e a desvalorização do povo negro, assim como, pelo processo de reconhecimento e certificação como remanescente de quilombo. Do ponto de vista metodológico, os dados analisados são resultados de uma pesquisa de campo, realizada com intuito de identificar a visão dos pais e de uma liderança quilombola sobre o trabalho das escolas, em especial o trato com as questões étnico-raciais e quilombolas. Para a elaboração desta pesquisa, recorreu-se de revisão de literatura relacionada ao tema, tais como: Pesquisa bibliográfica em livros, monografias, dissertações, teses e artigos. Utilizou-se de entrevistas semiestruturadas para coleta dos dados. Os resultados apontam que é necessário uma escola quilombola na comunidade, pois beneficiará não somente as crianças, mas também pais, jovens e idosos, que não tiveram a oportunidade de estudar. Tais resultados, longe de serem conclusivos, ampliam nossa compreensão a respeito da visão dos membros da comunidade sobre a educação escolar quilombola, fornecendo um conjunto de informações bastante relevantes para a construção desta pesquisa.

Palavras-chave: Educação. Quilombo. Relações étnico-raciais.

Introdução

As atividades explanadas neste relato foram desenvolvidas no período de 01/08/2016 à 31/07/2017, período que atuei na condição de bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica (IC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sob a coordenação da minha professora orientadora.

O presente trabalho tem como campo de pesquisa duas escolas localizadas no distrito de Mutãs no município de Guanambi/Bahia, a Escola Municipal Adalgísia Ferreira Costa e a Escola Municipal Vereador Sebastião Moreira Malheiros. A escolha em desenvolver a pesquisa nessas escolas, foi devido ao fato de atenderem alunos da Comunidade Quilombola de Queimadas, localizada na zona rural de Mutãs.

No Território do Sertão Produtivo, onde está situado o município de Guanambi, existem 38 comunidades certificadas como remanescentes de quilombos, distribuídas em 09 municípios: Caetité- 12; Candiba- 01; Contendas do Sincorá- 1; Guanambi-1 (Queimadas, certificado publicado no D.O.U em 09/06/15); Ibiassucê- 01; Livramento de Nossa Senhora- 14; Lagoa Real- 01; Palmas de Monte Alto- 05 e Tanhaçu – 02.

A pesquisa bibliográfica em livros, monografias, dissertações, teses e artigos e a participação no grupo de estudos: *Educação e Relações étnico-raciais: saberes e práticas da população negra e quilombola do Território de Identidade do Sertão Produtivo*, coordenado pela minha orientadora foram fundamentais para elaboração desta pesquisa.

Caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa. Segundo Richardson (2011, p. 90):

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

A abordagem qualitativa busca a compreensão dos fatos aproximando-se da realidade vivenciada pelos entrevistados, de forma evidente, sem a interferência do entrevistador.

Os dados analisados são resultados de uma pesquisa de campo, realizada com intuito de identificar a visão dos pais e de uma liderança quilombola sobre o trabalho das escolas, em especial o trato com as questões étnico-racial e quilombolas.

Para a compreensão dos dados coletados, dialogou-se com diferentes autores que estudam a temática, tais como: Conceição (2015), Ferreira e Castilho (2014), Oliveira e Martins (2014), Macêdo (2015) e Silva (2012), dentre outros.

Primeiramente fomos às escolas e à comunidade quilombola de Queimadas apresentar para as diretoras (os) e o líder comunitário a proposta da pesquisa. Tivemos a oportunidade no mesmo

dia de ter um breve diálogo com as mães que acompanham seus filhos até as escolas, e depois retornamos para a execução das entrevistas semiestruturadas.

Foram entrevistados três mães sendo que duas acompanham as atividades dos filhos da Escola Municipal Adalgísia Ferreira Costa e da Escola Municipal Vereador Sebastião Moreira Malheiros e uma apenas da Escola Municipal Adalgísia Ferreira Costa, além de uma lideranças quilombola.

Ainda é válido mencionar a importância das questões éticas, antes mesmo de iniciar a pesquisa foi delimitado que informações aqui coletadas serão estritamente confidenciais, e que as identidades dos envolvidos permaneceriam em anonimato. Porém durante a entrevista o líder comunitário autorizou revelar a sua identidade, assinando um termo de consentimento livre e esclarecido.

Sobre a visita na Comunidade de Queimadas foi bastante gratificante e enriquecedora para a nossa pesquisa. O senhor Manoel, presidente da Associação Comunitária de Queimadas nos repassou informações riquíssimas a respeito da comunidade, principalmente depois que foi reconhecida e certificada como uma comunidade quilombola, deixando transparecer durante a sua fala, que a comunidade caracteriza-se como um espaço de relações de aceitação, de confiança, de contato, de diálogo, de respeito e de educar.

Durante essa conversa com o líder que ocorreu no dia 14/07/2017, foi observado também o seu engajamento e sua luta para poder trazer para a comunidade quilombola uma escola que atenda suas especificidades, seus valores, seus costumes e seus anseios. Uma escola, voltada para a comunidade quilombola. Esta comunidade ocupa uma área de 40 hectares, com 118 famílias e uma população estimada de 400 pessoas, sendo que apenas 80 possuem casas, os outros moram nos fundos dos quintais dos pais, segundo o líder da comunidade.

Para a análise e tratamento dos dados recorreu-se à da técnica de análise de conteúdo na modalidade temática, que possibilita desvendar o que está por trás dos conteúdos manifestos, enxergando para além das aparências (GOMES, 2007).

Isto posto, sabe-se que nossa sociedade é formada por diferentes grupos étnico-raciais e culturais, configurando-se como uma sociedade plural e diversa. A sua formação é marcada por muitos sofrimentos, lutas, discriminações, racismo e desigualdade. Deste modo a educação étnico-

racial deve ser sinônimo de um ensino que propicie uma aprendizagem que dialogue de forma não hierarquizada com questões culturais ligadas a todos os povos, negros, brancos, quilombolas, etc. Além de propiciar a troca de experiências para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim cabe às escolas trabalharem com esses assuntos para que possamos conscientizar que não existe superioridade entre os povos e sim diferenças culturais que devemos respeitá-las. Nessa mesma direção, Silva (2012, p. 112) enfatiza que, “incluir as questões étnico-raciais no currículo é mais que reconhecer e celebrar as diferenças, é adotar um currículo que faz das demandas que emergem com a Lei 10.639/03 ferramenta para o enfrentamento das relações étnico-raciais”.

Todavia, sabemos que o trabalho com as questões raciais nas escolas em geral não passa de uma simplificação, as culturas africanas são tratadas de forma mecânica, superficial e pontual, remetendo-se muitas vezes às chamadas datas comemorativas. Isso nos remete as reflexões de Macêdo (2015, p. 144), quando expõe que a

[...] cultura afro-brasileira e africana são trabalhadas nas escolas de maneira pontual, mecânica, no componente curricular de história e em datas comemorativas, com metodologias não atraentes e sem problematização e contextualização com o universo sociocultural dos/as educandos/as, demonstrando que os/as professores/as não conseguem ir além dos conteúdos dos livros didáticos e tampouco compreendem as relações de poder presentes no processo ensino-aprendizagem, que podem influenciar na formação de identidades e subjetividades, bem como definir posições na sociedade.

À vista disso, as escolas municipais Adalgísia Ferreira Costa e Vereador Sebastião Moreira Malheiros por atender alunos de uma comunidade quilombola têm o dever de trabalhar com as questões quilombolas com os seus alunos, pois é extremamente importante que estudem a respeito das diversidades culturais existentes na nossa sociedade, para que deste modo, possam ser tolerantes às diferenças e compreendam que nossa organização social é pluricultural.

O trabalho das escolas frente às questões étnico-raciais, a história e cultura quilombola: o que dizem os pais e a liderança local

Atualmente pesquisas voltadas para a temática étnico-racial apontam que a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira, e posteriormente a lei 11.645/08, que altera a primeira e acrescenta a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena em todas as escolas brasileiras, públicas e privadas, do Ensino Fundamental e Médio, apontam que essas determinações das leis ainda não foram efetivadas de fato na maioria das escolas brasileiras, uma vez, como essas questões têm sido discutidas, planejadas e trabalhadas não garantem a compreensão das mesmas, pois remete-se à um estudo sem profundidade e reflexão sobre o assunto. De acordo com Silva (2012, p. 112):

A obrigatoriedade do estudo da cultura e história negra direciona o currículo a ser pensando na perspectiva crítica de empoderamento, exigindo que as formas de viver e ‘representar’ dos grupos étnico-raciais excluídos venham à tona para subverter os discursos e práticas racistas que querem silenciar negros e negras.

Chegada a hora de coletar os dados para discorrer sobre essa temática, o olhar esteve voltado para nossa intenção primordial que foi expor um breve relato sobre como os pais e o líder comunitário da comunidade de Queimadas *avaliam os trabalhos realizados pelas escolas municipais Adalgísia Ferreira Costa e Vereador Sebastião Moreira Malheiros, em especial com relação às questões étnico-raciais e quilombolas.*

Faremos a exposição das entrevistas feitas com três mães que acompanham seus filhos até as referidas escolas, e com o líder comunitário da comunidade quilombola de Queimadas.

Ao conversar com as mães sobre o trabalho das duas escolas, em referência aos assuntos étnico-raciais e quilombolas, uma delas nos relatou que os colégios até trabalham as temáticas, todavia de modo superficial, dando a entender que tratam o assunto de forma mecânica somente em datas comemorativas. De acordo com a visão dessa mãe é importante que as escolas trabalhem com a história, cultura, saberes e valores de sua comunidade: “Gostaria que trabalhasse mais sobre a comunidade, sobre a nossa história, nossa a cultura, passar para os meus filhos a nossa origem” (Mãe A. Comunidade Quilombola de Queimadas, 10 de maio de 2017).

Outra mãe compartilha dessa opinião, destacando que as escolas ainda não têm desempenhado de forma efetiva, um trabalho pedagógico que valorize as questões étnico-raciais e quilombolas da comunidade.

[Gostaria que] trabalhassem mais sobre o negro e sobre a minha comunidade, dar mais valor à comunidade [...]. Eu me reconheço como quilombola como maior prazer, meus filhos também. Explicamos pra ele o que é quilombola. Eu quero que a escola explique pra eles sobre nossa origem, porque quanto mais eles souberem sobre o quilombo melhor. (Mãe B, Comunidade Quilombola de Queimadas, 10 de maio de 2017).

Dando continuidade ao diálogo a respeito das atividades pedagógicas realizadas pelas as duas escolas, a terceira mãe complementa nos informando: “Gostaria que escola trabalhassem mais sobre os negros, sobre o quilombo, ensinar sobre a comunidade, sobre como começou tudo lá.” (Mãe C, Comunidade Quilombola de Queimadas, 10 de maio de 2017).

Diante das falas das mães, principalmente da Mãe B, nota-se o quanto é importante as mães dialogarem com os seus filhos sobre as suas identidades, valores e suas culturas, para que eles possam entender que ser quilombola não os fazem menos importantes que os outros, além mostrarem para as crianças que a suas famílias possuem uma história e um passado de lutas e superações.

Com relação a implantação da lei 10.639/2003, nota-se que esta trouxe inúmeros benefícios no tocante à visibilidade educacional dada às culturas africanas e ao próprio negro. Esta lei exige a ressignificação e a valorização cultural das matrizes africanas, reconhecendo que elas também compõem a diversidade cultural brasileira.

Como vemos os dados sinalizam que o ensino História e Cultura Africana e Afro-brasileira e o estudo sobre as raízes quilombolas ainda continuam sendo feito de modo superficial nas escolas estudadas. Os educadores desconhecem, ou pouco ouviram falar, a respeito da lei 10.639/2003 que propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Talvez esse fato possa ser explicado pela falta de interesse das escolas em ensinar os assuntos referentes às questões étnico-raciais, mesmo sabendo da sua obrigatoriedade. Ou apenas tratá-la de maneira não aprofundada.

Nessa mesma direção Guedes et al (2013, p. 425) afirmam que “a lei 10639/03 não é muitas vezes aplicada de fato, pois há um despreparo de alguns professores sobre o assunto, ou existe uma falta de interesse da própria escola em levar adiante o tema”.

Pode se dizer que o desconhecimento da lei 10.639/03 pela maioria dos professores está associado a sua formação, pois durante seu processo de graduação não obtiveram nenhuma informação sobre o direito ao ensino da história do povo africano. Portanto, vê-se a necessidade da formação específica inicial e continuada destes professores, para que haja sucesso na implantação dessa lei, além da união de todos os envolvidos com a educação.

Dando prosseguimento acerca da discussão sobre o trabalho com as questões étnico-raciais e quilombolas realizado nas escolas Municipais Adalgísia Ferreira Costa e Escola Municipal Vereador Sebastião Moreira Malheiros, o líder comunitário, o Senhor Manoel, nos relata a importância das escolas trabalharem as histórias, as culturas, os saberes e as práticas da comunidade.

A escola deve trabalhar as descendências das famílias, que origem é a família, é muito importante trabalhar com as descendências, trabalhar os cultivos, os que vocês acham do trabalho dos seus pais, o que vocês acham que devem melhorar, falar para eles um pouco da história dos pais, está acabando o trabalho da roça, vai chegar um tempo em que as crianças não vão saber o que os seus pais trabalhavam, cultivavam, por que são poucos falados. Aqui na comunidade a gente ainda fala, mas as escolas tem que falar também, falar das histórias antigas para não deixar morrer, porque cada comunidade tinha uma atividade, uma maneira de viver, as escolas devem trabalhar as histórias. (Sr. Manoel, Comunidade Quilombola de Queimadas, 14 de julho de 2017).

Durante a entrevista ele nos relatou que nunca teve a oportunidade de palestrar nas escolas de Mutãs, pelo fato de não ter sido convidado pelas direções daquelas instituições educacionais. “A escola ainda não nos convidou, fomos lá somente como amigos, agora para falar ainda não, por que nós não gostamos de oferecer não, deixamos a pessoa a vontade para nos convidar, estamos à disposição”. (Sr. Manoel, Comunidade Quilombola de Queimadas, 14 de julho de 2017). Referente à relação das escolas e à comunidade quilombola, as mães e a liderança comunitária nos informam que essas relações se estabelecem principalmente através de reuniões para tratar apenas do comportamento das crianças.

Esses depoimentos oferecidos pelas mães e pela liderança quilombola reforçam que o ensino das culturas africanas e indígenas são trabalhadas nas escolas de forma mecânica e superficial, sem um estudo contextualizado e aprofundado que possibilite uma compreensão do assunto, sendo tratadas mais especificamente nas datas comemorativas e deixadas de lado no restante do ano.

A importância de uma escola dentro da comunidade quilombola, o que pensa o líder comunitário

Referente ao conceito de escola quilombola é entendida como aquela situada dentro de uma comunidade remanescente de quilombos, porém não significa necessariamente que todas as escolas implantadas dentro de comunidades quilombolas sejam de fato voltadas para a identidade da comunidade (BRASIL, 2012). Portanto [...] “A escola quilombola é o espaço da organização e interação social, lugar, instrumento e veículo da construção do por vir daquelas pessoas” (OLIVEIRA e MARTINS, 2014, p.199).

Assim, que diferencia esse tipo de ensino, é que a escola quilombola, além de trabalhar com os conteúdos escolares, como português, matemática, história, geografia, etc, também incorpora no currículo e nas práticas educativas as culturas e histórias e saberes locais (MACÊDO, 2015). Deste modo, o Projeto Político Pedagógico deve ser construído juntamente com os moradores da comunidade quilombola, para que todas as opiniões sejam ouvidas, a fim de melhor tentar atender as especificidades e singularidades daquelas pessoas, visto que o povo negro é detentor de uma sabedoria que deve ser considerada nos PPPs escolares e nas atividades do cotidiano das escolas.

Sabendo da importância da implantação de uma escola quilombola dentro dos quilombos, vê-se a necessidade do poder público local investir nessas comunidades para construir e implementar a educação escolar quilombola, tendo em vista que essa modalidade de ensino ainda não foi iniciada a sua implantação no município de Guanambi. Ademais, evidencia-se através desta pesquisa que as escolas de Mutãs que atendem os alunos quilombolas não dialogam com os saberes da comunidade.

Nesta mesma direção Ferreira e Castilho (2014, p. 22), enfatizam que;

A Escola está muito aquém das necessidades das comunidades quilombolas em suas especificidades. É necessário se fazer um maior diálogo, entre elas, visando o vínculo afetivo, familiar, territorial, cultural e religioso, aspectos importantes para contribuir na solidificação da identidade quilombola.

Nesta perspectiva, cabe aos quilombolas reivindicarem uma proposta curricular que atenda às suas especificidades, ou seja, um currículo voltado para a comunidade quilombola, valorizando seus costumes, culturas, seus anseios e saberes. (MACÊDO, 2015). A expectativa então é de que todas as escolas possam contemplar a temática quilombola.

No que diz respeito ao material didático, é extremamente importante que seja elaborado juntamente com os membros do quilombo, ponderando as características e os princípios da comunidade, nessa mesma direção Conceição (2015, p. 27) enfatiza “o material didático nas escolas quilombolas devem ser elaborados visualizando as comunidades como são, com suas especificidades, porém, sem que esses desconstruam seus significados e crenças”.

No tocante aos professores e gestores da escola quilombola, é interessante que sejam da própria comunidade, e/ou que sejam formados em parceria com os líderes quilombolas, para que possam conhecer as lutas, as histórias, os saberes, os conhecimentos e vivências dessas populações.

Sabendo desse direito de ter uma escola dentro da comunidade remanescente quilombola, a liderança do quilombo de Queimadas nos relatou seu desejo de trazer para o grupo, uma escola que atenda seus anseios, costumes, valores, que contemple suas práticas, sua memória, a história e a cultura de sua comunidade (Diário de Campo, 14 de julho de 2017).

De acordo com o Sr. Manoel, na comunidade tem cerca de 40 pessoas adultas que estão querendo estudar, mas que infelizmente, devido às dificuldades do dia-a-dia não podem deslocar-se de suas casas para estudarem no distrito de Mutãs.

[...] aqui têm umas 40 pessoas no mínimo querendo estudar, pessoas da minha idade pra menos e para mais que querem estudar, que começaram e não tiveram a oportunidade de terminarem, para *encurtar a conversa tem a minha mãe que tem 75 anos e que quer estudar* (Manoel, Comunidade Quilombola de Queimadas, 14 de julho de 2017).

Ainda é válido ressaltar, que existem várias crianças que estudam no distrito de Mutãs, e que as mães têm que acompanhar até às escolas, por não possuírem um monitor que os ajude. O Sr. Manoel defende que essas crianças deveriam estar estudando dentro da comunidade. Existem também os jovens das comunidades vizinhas que também poderiam estar estudando na comunidade de Queimadas. “Quero estudar aí, eu acho muito chato sair da minha comunidade para estudar em Mutãs, sendo que eu tenho o direito de estudar na minha comunidade, além de termos em torno de nós 17 comunidades que poderia estudar aqui” (Sr. Manoel, Comunidade Quilombola de Queimadas, 14 de julho de 2017).

O Senhor Manoel ainda nos relata que a Comunidade de Queimadas foi contemplada com o programa Todos pela Alfabetização (TOPA), e muitos que não tinham contato com a educação tiveram a oportunidade de se alfabetizar através desse programa. Um detalhe que nos chamou atenção foi o fato que depois que o programa acabou, as pessoas idosas adoeceram, pois além de aprenderem a ler e escrever elas também se divertiam na escola, fato que somava positivamente em sua saúde física e mental.

Deste modo, nota-se que a liderança quilombola juntamente com os membros da comunidade estão engajados na tentativa de trazer para a comunidade, uma escola quilombola que atenda suas peculiaridades. Assim de acordo com Macêdo (2015 apud Gomes. 2007, p. 24) “as lideranças exercem um papel transformador junto às suas comunidades, atuam politicamente em favor delas e estão engajadas em projetos [educacionais] sociais e culturais [...]”. Assim, afirma-se que se não for por meio de lutas, representadas principalmente pelo líder comunitário, infelizmente as comunidades não conquistarão seus direitos, visto que as leis, mesmo depois de implantadas ainda não são colocadas em real prática.

Posto isso, vemos o quanto é importante trabalhar na escola com a lei 11.645/08, isto é, com a história e a cultura afro-brasileira e indígena, como também com a cultura, a história, os saberes e as práticas dos quilombolas, um currículo que dialogue com os quilombolas, isso é sem dúvida, contribuir para uma educação intercultural, beneficiando toda a sociedade, de conhecimentos e o reconhecimento de suas raízes.

Considerações

Após o término dessa primeira etapa do projeto de iniciação científica nota-se que os objetivos inicialmente delimitados foram alcançados com êxito. Vivenciei situações novas, aprimorei e adquiri conhecimentos e alcancei resultados que considerei satisfatórios para a minha formação e dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

No tocante à Educação Escolar Quilombola, os resultados da investigação reafirmam a necessidade de reflexão sobre as relações étnico raciais e culturais nas escolas estudadas, pois apesar de algumas mudanças no sistema oficial de ensino, vê-se que poucos são os avanços obtidos ao longo dos anos, considerando que as escolas situadas nas comunidades quilombolas ainda se encontram distante de uma educação que contemple as singularidades dos educandos.

Para tanto, esperamos que haja mudança de pensamento do Estado e dos próprios professores, no sentido de buscar, juntamente com a comunidade, um currículo que atenda suas especificidades, ou seja, um currículo que possa discutir a existência de um ensino democrático, antirracista, inclusivo e emancipatório.

Referente às legislações vigentes, sabe-se que houve grandes avanços no que se refere ao direito constitucional dos discentes quilombolas, porém, ainda existe um longo caminho a ser trilhado, para que ocorra a efetivação dos direitos conquistados.

Acerca da comunidade quilombola de Queimadas, é evidente que ainda há muito que se fazer, para que possa garantir de fato uma educação diferenciada para os quilombolas. É notório a necessidade de implementação de políticas públicas educacionais que atendam as peculiaridades dos alunos das comunidades quilombolas. Assim sendo, Macêdo (2015, p. 188) defende “a importância das academias continuarem desenvolvendo estudos na área da educação escolar quilombola, uma vez que as pesquisas neste campo ainda são bastante escassas”.

A pesquisa foi uma aprendizagem muito gratificante, me proporcionou experiências diversas a respeito das questões étnico-raciais e principalmente das vivências, das lutas e conquistas do povo quilombola da comunidade de Queimadas.

Deste modo, enfatizo que a pesquisa não termina por aqui, ainda há um longo caminho a percorrer, de onde grandes reflexões surgirão, pois podemos notar ainda a extrema necessidade de se realizar pesquisas que tenham como protagonistas essas pessoas batalhadoras, que não aceitam as injustiças da vida e que resistem lutando para fazer valer seus direitos, garantidos em lei, mas ainda não efetivados em sua totalidade.

Referências

BRASIL Ministério da Educação. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Resolução CNE/CEB 8/2012. Diário Oficial da União Brasília, 2012. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>>. Acesso em: 03 de agosto 2017.

CONCEIÇÃO. Lucineide Inácio da. **Educação Escolar Quilombola: um olhar sobre a implementação das diretrizes da educação quilombola e suas implicações no currículo da E.M.E.F. Firmo Santino da Silva – Caiana dos Crioulos-PB. Paraíba, 2015.**

FERREIRA. Augusta Eulália. CASTILHO. Suely Dulce de. Reflexões sobre a educação escolar quilombola. **Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, Edição nº 03, Mato Grosso, 2014.

GOMES, Romeu. Análise e Interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

GUEDES. Elocir. Nunes, Pâmela. Andrade, Tatiana. **O uso da lei 10.639/03 em sala de aula. Revista Latino-Americana de História**. Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – ed. Especial.

MACÊDO. Dinalva de Jesus Santana. **Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais**. Salvador, 2015.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus, MARTINS, Rosemary. **Educação escolar quilombola: currículo e cultura afirmando negras identidades**. Unisul, Tubarão, v.8, n.13, p. 189 -202, Jan/Jun 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. 12. reimp. São Paulo: Atlas, 2011. 336p.

SILVA, Tássia Fernanda de Oliveira. **LEI 10.639/03: Por uma educação antirracismo no Brasil**. Ano VII, V.16, 2012.